

CAMPESINATO, FESTAS DE FAMÍLIA E SIGNIFICADOS DO PARENTESCO¹

Josiane Carine Wedig²

Renata Menasche³

Resumo: Buscando apreender as categorias simbólicas a partir das quais os camponeses constroem o parentesco, toma-se a Festa de Família como um espaço privilegiado de estudo. Essas festas atualizam os significados do parentesco a partir da vivificação de um mito de origem e a afirmação de laços de parentesco extenso. Para a construção deste estudo, foi realizada pesquisa etnográfica em uma Festa de Família – junto a uma comunidade rural conformada por descendentes de imigrantes alemães, situada no Rio Grande do Sul. Como pudemos evidenciar a partir da pesquisa, os participantes da festa estabelecem significados diferenciados para o parentesco, que agrega pessoas que descendem de um ancestral comum ou, de algum modo, têm ligação com ele, constituindo uma relação de pertencimento familiar e étnico.

Palavras-chave: família; migração; sociabilidade.

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi submetida à discussão na VIII Reunión de Antropología del Mercosul, realizada em Buenos Aires, em 2009.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). E-mail: josiwedig@gmail.com.

³ Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), vinculada ao Bacharelado em Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). E-mail: renata.menasche@gmail.com.

Abstract: The authors focus the study on the Family Party taken as a privileged space to grasp symbolic categories departing from which the peasants build kinship. These parties bring to the foreground kinship meanings departing from the revival of a myth of origin and the affirmation of broad kinship binds. The study is based on an ethnographical research conducted within a Family Party of a rural community of German immigrants' descendents, located in Rio Grande do Sul, Brazil. Research findings led the authors to consider that the party participants establish different meanings for kinship, which gather people that either descend from a common ancestral or have a connection with him or her, thus constituting a relation of familial or ethnic belonging.

Keywords: family; migration; sociability.

1. Introdução

Esses encontros têm o objetivo de encontrar e aproximar os parentes e descobrir quem somos, de onde viemos, qual nossa origem, bem como conhecer a história dos nossos antepassados.

(Discurso proferido durante Festa de Família, abril de 2008)⁴.

Tomando como espaço privilegiado de estudo as Festas de Família, buscamos analisar, neste artigo, as categorias simbólicas a partir das quais camponeses – no caso, descendentes de imigrantes alemães – constroem o parentesco e as relações nele implicadas. Entendemos a festa como expressão de representações e valores de uma sociedade e, assim, como espaço privilegiado de observação das relações sociais. Desse modo, evidenciaremos que no espaço ritual das Festas de Família observa-se a expansão das relações parentais, que constroem redes de reciprocidade.

Entre os camponeses, as Festas de Família são aquelas em que se atualizam os significados do parentesco e da família, a partir da vivificação

⁴ Os trechos de depoimentos reproduzidos neste artigo são todos de uma mesma Festa de Família, ocorrida no município de Arabutã, Santa Catarina, em abril de 2008.

de um mito de origem (estabelecido a partir das narrativas sobre a travessia), centrado no patriarca comum e na reafirmação de laços de parentesco extenso. Na Festa coloca-se em relevo o sobrenome de uma linhagem familiar e uma história de migração (FRANÇA, 2009). A família extensa, neste contexto, estabelece solidariedade na busca de informações sobre as origens.

Para além das comunidades camponesas, essa forma de ritual festivo tem sido um fenômeno cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Ao utilizarmos meios eletrônicos como a internet, podemos encontrar, em diferentes partes do mundo, uma série de experiências que remetem a iniciativas desse tipo de festa e a essa “nova” vertente do parentesco. Vale, no entanto, refletir a respeito de certa ambiguidade neste movimento festivo e de reunião do parentesco, na medida em que podemos observar que, por um lado, o mundo contemporâneo e a sociedade globalizada têm realizado um movimento cada vez maior de individualização (França, 2009) e, por outro lado, de certa forma as Festas de Família vêm na contramão desta marcha, já que nelas amplia-se a concepção de família e estabelece-se solidariedade e auxílio mútuo entre os membros, em um desenho de família extensa. Como ainda salienta França (2009), ocorre ali uma memória compartilhada com o intuito de reforçar vínculos entre os membros.

Detemo-nos, aqui, a refletir como estas festas apresentam-se em contexto camponês.

Ao observar o estabelecimento do parentesco, adota-se neste artigo a perspectiva apontada por Fonseca (2004), que salienta a importância de não negar a universalidade de algo chamado parentesco ou mesmo a pertinência do modelo ocidental de família, mas, ao mesmo tempo, propõe definir variantes significativas, associadas a contextos específicos – no caso em questão, o parentesco no contexto camponês, observado a partir das Festas de Família.

Para a construção deste estudo, realizou-se pesquisa etnográfica,

através de observação participante durante uma Festa de Família, bem como entrevistas com famílias participantes desta festa e de outras Festas de Família, buscando captar as representações dos camponeses acerca das mesmas.

Merece menção o contexto que nos levou a atentar para as Festas de Família. Isso se deu durante uma investigação de campo sobre saberes e práticas alimentares entre camponeses. Enquanto que para uma das autoras deste artigo a comunidade rural estudada havia sido local de pesquisas anteriores, era até então desconhecida para a outra, que ali se inseria para empreender sua pesquisa de mestrado.

Foi na inserção desta última no campo de pesquisa que ocorreu o envolvimento pessoal no tema do parentesco. Isso porque as conversas sobre família e parentesco ocupam grande parte dos assuntos tratados entre os camponeses e também deles com estranhos que adentram seu território. Em cada casa em que se chega, a primeira pergunta que as pessoas fazem é: “De qual família tu és?” (só depois é que perguntam sobre profissão, estudo, lugar de moradia, estado civil). Os questionamentos sobre as relações parentais ocorriam também durante os deslocamentos de ônibus pela localidade. Ao pedir informações a algum dos passageiros a respeito de onde descer para chegar à casa de determinada pessoa a ser visitada, era comum que, depois de alguns instantes, fosse feita a pergunta: “Você é parente dele?” Situação semelhante ocorria frequentemente quando, ao caminhar pela estrada da localidade, encontrava-se alguma pessoa e uma conversa era entabulada. Então, uma das primeiras perguntas era sempre: “Você é parente de quem?” Essas situações foram recorrentes durante toda a pesquisa de campo. Desse modo, compreende-se que os interlocutores buscavam identificar possíveis laços de parentesco⁵, tentando localizar a recém-chegada naquilo que Comerford (2003) denominou “territórios de

⁵ A ênfase no reconhecimento do grupo de pertencimento para identificação do indivíduo pode ser associada, tal como descrito por Dumont (1997), a uma perspectiva holista (a reprodução do todo social é que estabelece a dinâmica da comunidade), em detrimento de outra, individualista (o individualismo seria o valor presente nas sociedades modernas).

parentesco”, entendendo-os como marca de entrada na vida de uma comunidade rural.

Foi a partir das interrogações sobre possíveis laços de parentesco que a pesquisadora, que então realizava sua investigação de mestrado, descobriu, com surpresa, que seus avós maternos haviam migrado da localidade vizinha, “do outro lado do morro”, para Santa Catarina, na década de 1930. A partir dessa revelação, passou a ser identificada não apenas como pesquisadora, mas também como parente de vários moradores da comunidade, dos quais até então jamais escutara falar.

No contexto desta pesquisa – uma comunidade rural localizada no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – as pessoas participantes da Festa de Família, como é possível observar na festa etnografada e nas falas dos interlocutores, estabelecem significados diferenciados para família, entendida, em um primeiro momento, como nuclear (pai, mãe e filhos); segundo, como aquela que se estende para os parentes próximos (de primeiro e segundo graus) e, finalmente, o terceiro significado atribuído ao termo família que rege as Festas de Família, que agrega as pessoas que descendem de um ancestral comum e guardam um sentido de pertencimento étnico. Pode-se dizer que as festas de família constituem uma noção extensa de parentesco, em que se procura reunir aquilo que Jardim (2007) denominou, no contexto de um estudo junto a famílias palestinas, “família espalhada”, estabelecendo-se, assim, redes de identificação familiar.

Entre os camponeses aqui observados, as Festas de Família remetem à memória da trajetória de migração dos colonos para o Brasil, também falando das migrações internas.

2. Breves considerações sobre a trajetória desses migrantes

No intuito de explicitar o contexto a que se remetem as Festas de Família entre os camponeses interlocutores desta pesquisa, cabem algumas

notas a respeito da ocorrência das migrações da Alemanha para o Brasil e, posteriormente, dentro do País e em direção a países vizinhos, ocorridas entre esses camponeses e seus familiares.

Figura 1 - Fotografia retratando momento da migração de descendentes de imigrantes alemães do Rio Grande do Sul para Santa Catarina.



A migração de alemães para o Rio Grande do Sul deu-se principalmente entre 1824 e 1832, quando aportaram no Vale do Rio dos Sinos (WOORTMANN, 1994). Os migrantes estabeleceram-se em colônias⁶, onde construíram casas, igreja, escola e salão comunitário (WOORTMANN, 1995).

Essas migrações ocorreram principalmente em razão do quadro

⁶ Segundo Seyferth (1992, p. 80), o termo colono tem sua origem na administração colonial: “para o Estado, eram colonos todos aqueles que recebiam um lote de terras em áreas destinadas à colonização”. Assim é que, no sul do Brasil, reconhecem-se e são conhecidos como colonos os agricultores descendentes de imigrantes europeus que vivem e trabalham na terra em unidade de produção familiar. Para Woortmann (1995, p. 16), “O termo colônia designa tanto a parcela onde se realiza o trabalho familiar quanto a região ocupada por imigrantes e seus descendentes. Em qualquer de seus sentidos, o termo se associa à família, a terra e ao trabalho”.

econômico-político-social então vigente na Alemanha, que levou muitas famílias a atender ao chamado do governo brasileiro, que oferecia aos migrantes apoio em forma de passagem e alimentação gratuita durante a viagem, cidadania brasileira, terras em doação, ferramentas, sementes e animais (WOORTMANN, 2000).

A migração, segundo Woortmann (1995), não era um projeto individual dos colonos, envolvia não apenas a família imediata do migrante, mas sua parentela mais extensa e vizinhos. Nas colônias, os imigrantes procuravam manter a proximidade com aqueles provenientes de uma mesma localidade ou região da Alemanha. Desse modo, mesmo utilizando dialetos específicos e expressando fés religiosas distintas (católicos e protestantes), esses emigrados estabeleceram uma identidade coletiva, a partir daquilo que Zanini (2004), em pesquisa junto a imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, denominou “experiência social da travessia”.

Os lugares em que os imigrantes estabeleceram-se inicialmente no Rio Grande do Sul passaram a ser conhecidos como “colônias velhas” ou “colônias mães”. Delas saíam, mais tarde, grande parte dos filhos e netos, em busca de novas terras⁷ em outras regiões do estado, em outros estados do Brasil – principalmente Santa Catarina e Paraná – e em países vizinhos – Argentina e Paraguai (WOORTMANN, 1994).

3. Da comunidade pesquisada

A pesquisa aqui empreendida realiza-se “no lugar e não sobre o lugar”: como ensinou Geertz (1989, p. 16), o *locus* do estudo não é o estudo, ou seja, “os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades,

⁷ Os conflitos vivenciados pelos camponeses descendentes de imigrantes em contexto de necessidade de busca de terras fora dos limites da localidade natal encontram boa ilustração no romance *O Quatrilho*, de José Clemente Pozenato, que deu origem ao filme, de mesmo nome, dirigido por Fábio Barreto e lançado em 1995. Para uma análise a respeito, ver Menasche (2000).

vizinhanças), eles estudam nas aldeias”. Tendo em conta, então, que estamos estudando um tema e não um lugar, ainda assim cabe trazer uma breve descrição da localidade em que a pesquisa foi realizada, pois, tal qual Fonseca (2004), percebemos a importância do lugar de residência para a organização social, particularmente no que se refere às redes de vizinhança e parentesco.

A comunidade rural⁸ a partir da qual a pesquisa foi realizada denomina-se Fazenda Lohmann e está situada no interior do município de Roca Sales, na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. Na localidade é predominante a presença de descendentes de imigrantes alemães, informação que consideramos importante na medida em que, como observado por Gaviria e Menasche (2006), em estudo realizado na mesma região, a identidade étnica é constantemente invocada pela utilização dos dialetos, por meio dos quais se realizam os assuntos cotidianos e a sociabilidade local, assim como se manifestam os valores que perpassam as relações sociais, evidenciando a associação entre esses elementos identitários e um modo de vida rural.

A disposição do centro da vida comunitária está organizada da seguinte forma: a Igreja ocupa o lugar central, a seu lado localiza-se o cemitério, uma casa comercial, um bar com cancha de bocha. Em frente a ela, vemos o salão comunitário (onde são realizadas as festas, os encontros da OASE⁹, do Clube de Mães etc). Ao lado do salão, está a antiga escola comunitária¹⁰ (que hoje está desativada e é conservada pela Associação de

⁸ O emprego, neste trabalho, da expressão “comunidade rural” evoca, tal como indicado por Comerford (2005, p. 112), não apenas um “grupo concreto delimitado em termos territoriais (a população de uma localidade, distrito, município) e em termos de sua atividade (pessoas que se ocupam de atividades ‘rurais’, ligadas à agricultura e à pecuária)”, mas também um grupo que “se organiza a partir de relações de proximidade e solidariedade”, em que encontram relevância as relações de “parentesco, vizinhança, cooperação no trabalho, participação nas atividades lúdico-religiosas”.

⁹ A Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas – OASE é um grupo de mulheres ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que se reúne para estudos bíblicos, interação com grupos de mulheres de outras comunidades e assistência a doentes.

¹⁰ Depois do fechamento da escola comunitária, as crianças passaram a ser diariamente transportadas, pelo ônibus da prefeitura, para escolas localizadas na cidade de Roca Sales.

Pais e Mestres, que continua ativa e busca conservar o espaço físico da escola como bem da comunidade). Atrás do salão, o campo de futebol. Cabe comentar que os espaços comunitários (igreja, escola, salão, campo de futebol) foram construídos coletivamente. Sobre estes aspectos da ordenação espacial da comunidade rural, vale remeter ao estudo realizado por Woortmann (2000) em comunidades rurais de colonos alemães, em que a autora aponta que sua ordenação espacial e simbólica replica o padrão característico das aldeias camponesas na Alemanha, centrado no conjunto igreja – escola – casa comercial – salão de festas.

Na comunidade de Fazenda Lohmann, há apenas pequenas propriedades, em média de 15 hectares. O trabalho na agricultura dá-se para a produção de alimentos para o consumo familiar e também para a comercialização. Entre os itens destinados ao consumo familiar, têm destaque mandioca, batata-doce, abóbora, além da criação de galinhas caipiras (para carne e ovos), vacas (para leite e derivados), porcos e bovinos (para carne). Para comercialização, considerável número de famílias participa do sistema integrado (a agroindústrias) de criação de porcos e aves, assim como realiza produção de leite destinada à indústria de laticínios, produção mecanizada de milho e soja, além de produzir itens que são vendidos para conhecidos que vêm da cidade, como, por exemplo, o melado, produzido a partir da cana-de-açúcar por algumas famílias (MENASCHE e SCHMITZ, 2007).

Como vem acontecendo em outras regiões de agricultura colonial do sul do País, em Fazenda Lohmann tem ocorrido, nas últimas décadas, um processo de redução e envelhecimento – e, vale também mencionar, masculinização – da população rural, resultante da migração de famílias e jovens do campo para a cidade, bem como da diminuição do número de filhos(as) por família. Observou-se que, na comunidade estudada, a população é constituída por um número significativo de agricultores e agricultoras aposentados. Do mesmo modo, verificou-se a quase ausência de jovens no trabalho agrícola, dado ser comum, mesmo quando residem na

casa paterna, dedicarem-se a ocupações não agrícolas.

4. Chegando a campo: o parentesco como tema envolvente

O parentesco é assunto que sempre perpassa as conversas em Fazenda Lohmann. Através da memória dos mais velhos, expressa em narrativas durante as rodas de chimarrão, refeições e festas, os mais jovens acessam a história da família. Desse modo, como dito por Müller (1984) – em estudo realizado entre descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul –, podemos compreender que ao conversar sobre família os camponeses buscam saber quem são, já que, segundo o autor, “saber quem somos, donde viemos e para onde vamos são perguntas fundamentais para uma sociedade” (MÜLLER, 1984, p. 18) e para os próprios indivíduos.

Os temas família e parentesco estiveram sempre presentes nas conversas que cada uma das autoras estabeleceu com as pessoas da comunidade. E, nesses diálogos, apareciam frequentemente referências às Festas de Família, festas que reuniam a família extensa. Eram-nos contadas histórias de participação nessas festas e apresentados *folders* que continham a programação do dia da celebração, o mapa de localização da localidade em que a festa ocorria naquele ano, algumas imagens da família, bem como um pouco da história do “ancestral fundador da família”, ou seja, o primeiro imigrante.

Como já mencionado, na chegada em campo, a partir das indagações referentes a sua origem familiar, uma das autoras descobriu estar entre parentes. Para os moradores do local, assim como para grande parte das sociedades ocidentais, é especialmente importante o sobrenome do pai (linhagem patriarcal). Como, no caso, o sobrenome paterno fosse desconhecido para eles, perguntavam, na sequência, sobre o sobrenome materno. Na quarta família visitada, o sobrenome materno da pesquisadora coincidia com o sobrenome da senhora anfitriã da casa.

Tessituras

A partir de então, as conversas passaram a girar em torno deste assunto. A pesquisadora tinha uma memória de parentesco reduzida, referente apenas à família nuclear e incluindo no máximo os primos de 1º e 2º graus. Não tinha informações para dar sobre os parentes de seus avós. A única lembrança que guardava a respeito era referente a um “livro de chamada” de escola (com nomes de alunos), que pertencera ao avô, que havia sido professor alfabetizador, e uma foto dele com seus alunos, atrás de um quadro de giz em que estava escrito “Linha Borges de Medeiros”.

Figura 2 - Fotografia do professor Jorge Haefliger e seus alunos.



Quando receberam esta informação, os interlocutores sorriram entre si, quase em tom de deboche da ingenuidade da pesquisadora, já que essa “Linha” era justamente “do outro lado do morro de Fazenda Lohmann”.

Ocorria, assim, involuntariamente, o retorno da pesquisadora ao lugar de onde seus avós maternos haviam, no processo de migração, na década de 1930, partido para as “colônias novas”, Oeste de Santa Catarina.

Desse modo, no momento em que era relatado, por telefone, à família da pesquisadora, que parentes haviam sido encontrados no campo de pesquisa, sua mãe contaria que naquele ano a Festa da Família Häefliger aconteceria exatamente na comunidade em que nascera a pesquisadora e em que moram seus pais (Arabutã, Santa Catarina). Com isso, era localizado um “ramo” da família de sua mãe que não havia sido encontrado em festas anteriores – que já vinham sendo realizadas há 12 anos. Esse fato fez com que a mãe da pesquisadora viajasse até Fazenda Lohmann para convidar os parentes para a festa. E foi desse modo que, acompanhando as pessoas do campo de pesquisa, a pesquisadora participou da Festa de Família, em Arabutã.

As Festas de Família faziam parte da memória de infância no meio rural da pesquisadora, porém sempre foram percebidas como espaço de diversão, de encontrar outras pessoas, todos de alguma forma primos. Mas agora a participação na celebração tinha por objetivo escutar as histórias dos participantes, de pessoas que vinham dos lugares mais distantes.

Pode-se observar, durante a conversação na festa, que a grande motivação de participação das pessoas era a celebração, que permitia encontrar membros da família dispersa geograficamente, pessoas que, muitas vezes, há anos não se viam. Ao mesmo tempo, estabeleciam-se novas relações parentais, ampliando-se os laços sociais a partir da relação com os parentes conhecidos, bem como com aqueles com quem o contato era estabelecido pela primeira vez.

5. O parentesco oralizado na simbologia da árvore

Quando falam sobre parentesco, os camponeses pesquisados

remetem à genealogia sob a forma de “árvore”, referindo-se sempre a seus elementos: “tronco, ramos e frutos”. Nessa representação, observa-se que a ênfase é dada ao “tronco”, que carrega o viés fortemente patrilinear, remetendo-se ao primeiro imigrante, ou seja, o mais velho da família que migrou, sendo que a árvore corresponde à imagem extensa de família, identidade alicerçada nos laços de parentesco por descendência (WOORTMANN, 1994).

Woortmann (1994), em estudo sobre a representação da árvore para os teuto-brasileiros, aponta haver diferença entre as árvores das classes ricas, urbanizadas, e aquelas dos colonos. As primeiras constroem a “árvore da memória”, enfocando descendentes nobres alemães, estabelecendo um culto da germanidade, exibindo brasões e, dessa forma, pela valorização dessa ascendência, buscando enobrecer-se. Por sua vez, a árvore dos colonos difere em vários sentidos daquela dos descendentes urbanos aburguesados. Para os camponeses, a simbologia da árvore não é construída graficamente, estando presente através da oralidade. A memória dos colonos elimina a Alemanha de sua temporalidade, o início da família é representado como se tivesse começado no Brasil. Assim, entre os colonos, não há preocupação em saber quem eram os antepassados alemães do primeiro imigrante, já que a história da família inicia-se a partir dele. Os objetos familiares simbolicamente importantes e que constituem referência da família são aqueles que pertenceram aos antepassados no Brasil. Neste sentido, Woortmann (1994, p. 7) afirma que “A memória do parentesco envolve uma ‘amnésia’ com referência ao período anterior à emigração. É como se a história começasse com a emigração, congelando-se o tempo anterior”.

A árvore dos colonos situa os parentes de hoje nas pontas dos galhos, sendo o tronco o mais importante, ou seja, a referência é feita ao antepassado patrilinear.

Ao contrário da dos colonos, que é uma categoria de discurso, a árvore genealógica dos burgueses urbanos é sempre desenhada, ocupando um lugar de honra na decoração da

casa. Também ao contrário, a árvore dos genealogistas situa os antepassados mais remotos nas pontas dos galhos mais altos e localiza o interessado na extremidade inferior. Parece ser uma concepção individualista da árvore, construída em função de um Ego, enquanto aquela dos colonos expressa uma totalidade, num contexto cultural onde havia pouco espaço para o indivíduo (WOORTMANN, 2000, p. 231).

Na memória dos colonos, a Alemanha acaba sendo, hoje, apenas um lugar vago: uma nova identidade constituiu-se no Novo Mundo. Eles sabem que seus ancestrais vieram “de lá”. Neste contexto, entre colonos, “ser alemão” é ser de origem alemã. Para os descendentes camponeses, ainda hoje não faz parte de seu horizonte viajar para a Alemanha¹¹ (WOORTMANN, 2000).

A árvore pode ser entendida como uma forma de pensar o tempo, um tempo genealógico, um parentesco de memória, uma família que agrega descendência, que é bem mais extensa, que se expande pelo território e em algum momento ritualiza a união e junção dos galhos (WOORTMANN, 1994). Essa junção pode ser observada na Festa de Família, que cria laços para além dos momentos de festa e que se estabelecem pela ligação criada a partir da identificação de uma origem comum, mais precisamente de um ancestral comum, imagem sempre reforçada nessas festas.

Como observam Tedesco e Rosseto (2007), a respeito destes espaços das festas familiares:

O grupo familiar, de base genealógica, em geral patrilinear, encontra estratégias de memória festiva para assegurar força e solidez a um tronco que se formou em determinado lugar e tempo, lugar e circunstâncias e que espalhou seus ramos ao presente, fragilizando-se pelo andar dos anos e de gerações, produzindo temporalidades e significados variados ao passado e ao presente (TEDESCO e ROSSETO, 2007, p. 21).

¹¹ Vale mencionar que, nos últimos anos, alguns filhos de colonos têm ido para a Alemanha trabalhar, numa relação que se apresenta como um tipo de estágio. As jovens moças vão para trabalhar como babás e os rapazes na agricultura, durante o período de um ano. São famílias alemãs que contatam alguma agência de intercâmbio no Brasil, ou então algum conhecido que já foi em anos anteriores, e pagam a passagem e os gastos no país. Essa procura pelos filhos dos colonos dá-se principalmente pelo fato de saberem falar alemão.

Segundo expressam os interlocutores, a festa é um momento de descobrir mais sobre si mesmos, sobre os antepassados, a história da família, juntando-se para ouvir histórias, “festar”, compartilhar. Como no discurso expresso sobre a Festa de Família por uma das organizadoras da festa etnografada:

Manifestam-se muito amor e solidariedade com o bom acolhimento, homenagens e oportunidade para a expressão de talentos. E tudo isso faz muito bem para o nosso coração e para a nossa vida, pois sentimos o calor e o apoio das pessoas de uma grande família.

Pode-se dizer que, a partir da festa, estabelece-se uma identidade social, calcada no reconhecimento de uma origem comum (JARDIM, 2007). Evoca-se ali, ao mesmo tempo, a dispersão geográfica da família, provocada ao longo dos anos por motivações diversas, e ressalta-se a unicidade e junção que a festa propicia.

6. Festejando em família

As Festas de Família ocorrem de forma esporádica e cíclica, em geral a cada dois ou três anos. Elas envolvem uma complexa e antecipada organização, a partir da rede de parentesco (FRANÇA, 2009). São organizadas por membros da família que se reúnem e organizam desde a hospedagem de parentes nas casas da comunidade que sedia a festa até a organização do culto, refeições, “matiné”¹², exposição de “objetos-símbolo”¹³ e

¹² Baile realizado durante o período da tarde.

¹³ Os “objetos-símbolo” são relacionados ao ofício do primeiro migrante e de seus filhos e filhas. No caso da festa etnografada, era uma panela de ferro, que vem sendo repassada entre os familiares, simbolizando a profissão de ferreiro. Havia ainda outros objetos, que também têm acompanhado a família: máquina de costura, livro de chamada escolar, plantadeira etc.

fotografias.

Figura 3 - Fotografia de família, exposta no mural da festa etnografada.



Na região estudada, essas festas possuem forte identificação com o meio rural, já que a maioria dos antepassados é de agricultores e grande parte deles continua na atividade até os dias atuais. São evocados símbolos do rural, como a roça e o trabalho na lavoura, e apresentados utensílios utilizados pelos imigrantes, havendo sempre no espaço da festa uma pequena exposição de objetos antigos pertencentes às famílias da comunidade.

Pode-se, assim, na medida em que na festa de família estudada invocam-se símbolos de identidade camponesa, do trabalho rural e das colheitas, sugerir como válido para este contexto de pesquisa aquilo que Trpin (2007), em estudo realizado junto a famílias camponesas chilenas, denominou “identidade laboral”.

Tessituras

No espaço da festa, são também expostas fotos antigas, trazidas por parentes, que provêm de diversas cidades e regiões.

Figura 4 - Fotografia de família, exposta no mural da festa etnografada.



As Festas de Família são anunciadas nas rádios comunitárias e, como foi possível notar pelos anúncios escutados durante o período de pesquisa a campo, em Fazenda Lohmann o calendário dessas festas é amplo.

Cada parente tem autonomia para convidar aqueles parentes que conhece, mesmo que não seja o organizador da festa. As pessoas que vêm de

outras comunidades organizam excursões¹⁴ para o deslocamento até a localidade em que se realizará a festa. Essas festas reúnem pessoas dos mais diversos lugares do Brasil e de países vizinhos, ligadas por ramos de parentesco.

As Festas de Família, segundo contam os interlocutores, devem ocorrer sempre em uma localidade diferente, a fim de que sejam retribuídas as visitas, estabelecendo-se a reciprocidade entre as comunidades e os diversos membros da família, ou seja, não se deve apenas participar da festa, mas em algum momento deve-se também estar disposto a organizá-la para receber os outros membros da família em sua própria casa, ou melhor, em sua comunidade.

A festa realiza-se durante um dia, mas grande parte dos parentes chega um ou dois dias antes à localidade em que ela se realizará, a fim de visitar os parentes, em suas casas. A programação das festas parentais, como relatado pelos interlocutores e como pudemos observar¹⁵, ocorre da seguinte forma: em geral, realiza-se em um domingo, iniciando com a recepção, quando é servido o café da manhã, no salão comunitário. Em seguida, todos se encaminham para a igreja, onde se realiza o culto em memória dos ancestrais. Este se dá a partir do relato de histórias de imigrantes, que discorrem sobre seus locais de origem, o que faziam, o que comiam, os casamentos que estabeleciam, como expressavam a fé religiosa, entre outros. Essa história é montada por alguns membros da família – a partir dos relatos dos “antigos”, ou seja, dos membros mais velhos da família e de documentos – tornando-se a história oficial da família.

Nos espaços da igreja e salão de festa, fala-se o alemão dialetal e

¹⁴ As *excursões* são organizadas em cada localidade, pelos parentes que viajarão até o local da festa. As pessoas viajam coletivamente, em família, para as festas, de ônibus fretado, já estreitando as relações com aqueles familiares espacialmente mais próximos.

¹⁵ Programações semelhantes foram observadas em vários *folders* de divulgação das festas, apresentados pelos colonos de Fazenda Lohmann nas visitas realizadas em suas casas.

realiza-se encenação da chegada da família ancestral¹⁶. Após o momento de culto religioso, as pessoas retornam, ao som de uma banda musical, para o salão da comunidade.

Na Festa de Família, são servidas comidas que, em grande parte, são feitas em casa e/ou produzidas nas roças e hortas da localidade em que a festa está sendo realizada. No café da manhã, são oferecidos pães, cucas, bolos, bolachas, salames, queijos, frutas, *schmiers*¹⁷, café e leite. Já no almoço, são servidos mandioca, repolho, tomate, cebola, salada de batatas, cuca, pão e diversos tipos de carne, que atestam a abundância da família da comunidade anfitriã. Cada pessoa paga um valor estipulado para cobrir os gastos com as refeições.

Sobre o compartilhar a refeição durante a festa, observemos um trecho do discurso dirigido ao público no momento em que as pessoas participantes da festa eram convidadas a dirigir-se ao *buffet*, para servir-se do almoço:

Almoçar em família é lembrar e sentir o coração da casa, que é a cozinha, onde antigamente pais e filhos, incluindo avós, às vezes tios e outros parentes sentavam-se ao redor de uma mesa para almoçar juntos e, muitas vezes, repartindo o pão com visitas ou hóspedes. Manifesta o acolhimento e a confraternização das pessoas umas para com as outras.

A partir da dispersão ocasionada pelas migrações internas, a Festa de Família faz reviver essa representação do período anterior, em que membros da família extensa moravam numa mesma casa ou próximos, em uma mesma localidade.

Durante a festa, as conversas que podiam ser escutadas, nas mesas do almoço, na cozinha (onde eram preparadas as comidas), na copa (onde os homens serviam a bebida), eram em dialeto *Hunsrück*. Como se pode vivenciar, a maioria das conversas que ocorrem durante a festa estão

¹⁶ Na encenação, adentra na igreja um casal com crianças da comunidade, todos vestidos com roupas antigas, representando a família de imigrantes (do ancestral fundador). Um narrador conta a história do estabelecimento da família no Brasil.

¹⁷ Doce pastoso feito a base de frutas, utilizado para passar no pão.

ligadas à descendência, à filiação e à afinidade.

Na festa, além da referência a uma identidade familiar, temos o apelo a uma referência étnica, como pode ser apreendido no canto da família, entoado tanto em alemão, como em português:

O lar dos ancestrais ficou pra lá do mar,
 Pois Deus quis reservar a nós este lugar.
 O mar nos embarcou, trazendo-nos pra cá,
 Viemos ao Brasil e aqui vamos ficar.
 Aqui nos acostumamos bem, trabalhamos com amor também,
 Construimos as igrejas, as escolas e os salões.
 Preservamos os valores bons, das famílias e das tradições,
 Construimos nossas casas com esforço e afeição.
 O tempo que passou não deixou esquecer
 As velhas tradições, a fé e o bem-querer.
 Plantamos a raiz de nossos ancestrais
 Nos sulcos deste chão pra não morrer jamais.
 Hoje somos brasileiros, sim, porque Deus encaminhou assim
 Nossa vida nesta terra que nos acolheu tão bem.
 Nós cantamos porque o amor sobrevive e nos dá calor,
 Os valores da família este povo preservou.
 (Autor do texto: Osmar Agostini. Tradução para o alemão:
 Werno Alberto Lohmann)

Nesta expressão musical acerca da imigração, pode-se perceber que, ao mesmo tempo em há referência a uma identidade nacional (“hoje somos brasileiros sim”), construída a partir da chegada ao Brasil – e possivelmente intensificada durante a Segunda Guerra Mundial¹⁸ –, há igualmente a referência à emigração (“o lar dos ancestrais ficou pra lá do mar”). Esses ancestrais que ficaram “pra lá do mar”, geralmente não são mais procurados. Ainda assim, costumes e tradições que atravessaram o mar com os imigrantes e que foram repassados às gerações seguintes continuam a constituir a alteridade desses grupos, cabendo aí mencionar elementos como a língua (dialetos), largamente empregada, ainda hoje, em assuntos

¹⁸ Quando, a partir das posições adotadas pelo governo brasileiro, os descendentes de alemães foram vistos como inimigos nacionais. Na época, foi proibido o uso de seus dialetos e da língua alemã, que não pode mais ser utilizada em espaços públicos e tampouco nos espaços privativos da casa. No contexto desta pesquisa, os descendentes de alemães contam que enterraram livros, fotos e documentos que pudessem revelar seu pertencimento e que muitos desses objetos foram recolhidos pela polícia nacional.

cotidianos; bem como a arquitetura das casas, as celebrações religiosas e muitos dos hábitos alimentares.

Desse modo, nas Festas de Família, observam-se celebrações religiosas e festivas, comensalidade, apresentação de símbolos de origem, elementos que produzem laços de reciprocidade e comunhão entre os participantes.

Cabe notar que cada pessoa não participa apenas de uma Festa de Família, ao contrário, as festas são acessadas de um modo ainda mais amplo, na medida em que se participa das festas das famílias com as quais é percebida alguma relação, em geral pelas descendências dos avós, do pai e da mãe, do marido e da esposa, e também de vizinhos e amigos, sendo estabelecida uma identidade familiar múltipla. A respeito da identidade familiar, tal qual Trpin (2007), entendemos que a construção das identidades das famílias de migrantes não produz um pertencimento original, mas dialoga com novos contextos e novas condições em que a família constitui o suporte para sua reprodução ao longo do tempo. Neste sentido, chamamos a atenção para o diálogo que ocorre a partir da migração e as relações sociais que se estabelecem com pessoas próximas ao grupo, que acabam sendo incorporados à família extensa.

7. Para além da festa: o parentesco ressignificado

Pode-se sugerir que a partir desses encontros estabelecem-se redes de relações: como afirmado por uma participante, “aqui descobrimos quem são nossos parentes”. Esse “descobrir quem são os parentes” acaba por construir uma rede de relações, ajuda mútua, confiança, compartilhamento, reciprocidade a partir dos laços de parentesco, que perpassam também as relações para além da festa.

Nesses momentos festivos, os descendentes buscam compreender experiências históricas de sua família através de elementos materiais e

imateriais, compartilham objetos e saberes “dos antigos”, transformados em patrimônio da família. O parentesco ritualizado pela festa produz redes de solidariedade entre aqueles que consideram seus vínculos a partir de uma origem comum.

A reciprocidade estabelecida na festa compõe-se a partir da troca e retribuição da parentalidade, ou seja, a partir do gesto de reconhecer o outro como parente – ao mesmo tempo em que se distinguem as obrigações que são estabelecidas através desse reconhecimento –, constrói-se uma rede de ajuda mútua a partir das redes de parentesco.

Assim, no contexto das Festas de Família, pode-se entender o parentesco não como dado, mas como em constante (re)construção, a partir das relações que ali se estabelecem e que remetem a um passado mítico comum.

Referências bibliográficas

COMERFORD, John Cunha. **Como uma família**: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. Comunidade Rural. In: MOTTA, Márcia (Org.). **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 112-120.

DUMONT, Louis. **Homo hierarquicus**: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 1997.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. **Memórias familiares em festa**: estudo antropológico dos processos de reconstrução das redes de parentesco e trajetórias familiares. 2009. 347 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

GAVIRIA, Margarita Rosa; MENASCHE, Renata. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 13, n. 1, p. 69-82, 2006.

- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- JARDIM, Denise Fagundes. Famílias palestinas no extremo sul do Brasil e na diáspora: experiências identitárias e aduaneiras. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n. 29, p. 193-225, 2007.
- MENASCHE, Renata. O Quatrilho: casamento, amor e estratégias de reprodução social camponesa. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, p. 179-193, 2000.
- MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha. In: MENASCHE, Renata (Org.). **A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. p. 163-184.
- MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia alemã: 160 anos de história**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1984.
- SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 7, n. 18, p. 78-95, 1992.
- TEDESCO, João Carlos; Valter Rosseto. **Festas e saberes: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- TRPIN, Verônica. Identidades en movimiento: famílias chilenas en la fruticultura del Alto Valle de Rio Negro. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n. 29, p. 227-255, 2007.
- WEDIG, Josiane Carine. **Agricultoras e agricultores à mesa: um estudo sobre campesinato e gênero a partir da antropologia da alimentação**. 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – PGDR, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- WOORTMANN, Ellen. A árvore da memória. **Série Antropologia**, Brasília, v. 1, n. 159, p. 1-13, 1994.
- _____. **Herdeiros, Parentes e Compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. Identidade e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 6, p. 205-238, 2000.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A família como patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes de italianos. **Campos**, Curitiba, v. 1, n. 5, p. 53-67, 2004.